

MARCELO FERRONI

Método prático da guerrilha



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Marcelo Ferroni

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Daniela Medeiros

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferroni, Marcelo

Método prático da guerrilha / Marcelo Ferroni. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1748-2

1. Ficção brasileira I. Título.

10-09268

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Este livro se baseia em diários, relatórios e depoimentos dos que foram à luta armada. Tirá-los do contexto foi trabalho do escritor.

*Pero la historia, la verdadera historia, sólo yo
la conozco. Y es simple y cruel y verdadera y nos
debería hacer reír, nos debería matar de la risa.*

Roberto Bolaño,
Nocturno de Chile

Sorpresivamente, todos se habían vuelto escritores.

Edgardo Russo,
Guerra Conyugal

1.

O agente de codinome Mercy é um homem prevenido. Nesse 5 de janeiro nublado e úmido, depois de um café da manhã frugal, porque o hotel El Incaico, no centro de La Paz, não oferece nada além de chá de coca, broas de milho e um queijo muito forte da região, ele atravessa o lobby de pasta na mão, acena para um táxi como se fosse a um encontro urgente (está na Bolívia, afinal, a negócios), mas desce a alguns quarteirões dali, onde, a seguir, toma um ônibus até uma área residencial. Debaixo de uma garoa comum nessa época do ano, planta-se em frente ao número 232 da rua Juan José Pérez, um casarão depredado de dois andares, cercado por um muro verde-musgo, portãozinho de ferro que deixa ver alguns vasos no pequeno pátio. Já conhece o local, esteve ali outras vezes: é uma pensão para moças, sabe que uma delas se chama Laura Gutiérrez Bauer. É quem procura; uma argentina de origem alemã que mora há cerca de dois anos na Bolívia. Tira do bolso do paletó uma foto 3x4 em branco e preto, onde se vê um rosto de mulher. Abriga-se sob um telhado, do outro lado da rua, espera que ela apareça. Olha diversas vezes

o relógio de pulso, a fotografia, e sua atitude pode parecer suspeita a um pedestre mais atento. Ela finalmente abre o portão às 9h30. Usa uma bolsa vermelha de couro, casaco de chuva cinza escuro que esconde suas formas robustas; Mercy vê as canelas grossas, brancas, em sapatos fechados. Usa um lenço estampado no cabelo e desce a rua com passos rápidos, que forçam o agente a acelerar a marcha, sem no entanto se aproximar muito.

Mercy chegou a La Paz dois dias depois do Ano-novo de 1966 e ainda não se acostumou às enxaquecas e tonturas que o acometem; efeitos da altitude. A pasta que tem de carregar é pesada, mas necessária para seu disfarce de representante de uma firma mexicana de produtos de beleza. Dois dias antes, fez um detalhado reconhecimento da área ao redor da pensão e procurou a alemã nos locais que ela frequentava. Visitou o museu de folclore do Ministério da Educação, onde supostamente trabalhava. Não a avistou e, para não levantar suspeitas, comprou “por trinta pesos” um exemplar de *Diablada*, livreto mimeografado de cultura popular, “apesar de eu ter percebido depois que, para os bolivianos, as cópias eram distribuídas de graça”, escreveria ele mais tarde, no primeiro relatório a Havana. Em seguida foi a um certo salão de beleza Martiza, apresentou-se como vendedor de cremes e loções, deixou um cartão, mas não a identificou entre as clientes. Passou também num curso de cerâmica que ela fazia duas vezes por semana, mas preferiu não entrar; o recinto era ocupado exclusivamente por mulheres e efeminados, e não tinha um álibi convincente. Como não a encontrava em lugar nenhum, chegou a desconfiar se realmente trazia a foto correta ou se o departamento de inteligência cometera outro de seus equívocos.

Agora, conforme a segue pelas ruas de La Paz, tem certeza de que é ela. Mas está desatento, deixou que se distanciasse e logo comete o primeiro deslize. A alemã, muito adiantada, salta entre poças no meio-fio e alcança um ônibus que deixava o

ponto. Vendo que vai perdê-la, Mercy desce correndo o trecho que falta, desviando dos vendedores ambulantes, bate na lataria, acelera e se agarra à porta automática até que o motorista, vencido pela insistência, encosta novamente. Os passageiros o fitam quando sobe os degraus ofegante; inclusive Laura, sentada no corredor da quarta fileira. É ela, certamente. Tem pele muito clara, de tom cinzento, e sobrancelhas arqueadas sobre um nariz pronunciado.

Descem num bairro residencial, Mercy a segue até uma casa de muros altos, onde ela permanece por três horas. O agente saberá mais tarde que aquela é a residência de uma menina a quem ela dá aulas particulares de alemão. Dali ela caminha até o centro da cidade, almoça rapidamente em uma lanchonete, vê as vitrines de roupas femininas. Pega outro ônibus (ele desta vez a segue de táxi), desce nas cercanias da Universidade Técnica de La Paz. Anda sem pressa pela alameda de árvores mortas. Às três da tarde ela está na esquina do prédio de engenharia, onde cumprimenta um jovem miúdo, de feições indígenas, que não tira o sorriso dos lábios e acena que sim para tudo o que ela diz. Há também outro rapaz, aparentemente mais novo, que Mercy virá a descobrir ser o irmão dele. Segundo o dossiê que estudou antes da viagem à Bolívia, aquele jovem de sorriso permanente é Mario Martínez Álvarez, 22 anos, estudante de engenharia de minas. Tornou-se noivo de Laura em setembro do ano anterior, a incongruência não pode ser maior. A alemã é pelo menos três anos mais velha e viajou por toda a Europa antes de ir à Bolívia estudar folclore. Mariucho é um rapaz humilde, filho de um mineiro semianalfabeto de Oruro. Mas se encantou por essa mulher experiente e atlética, campeã de ginástica olímpica na adolescência, que toca acordeão e, quando não está com o instrumento entre os braços, adora dançar estalando os dedos “como as flamencas”. Uma sequência de imagens, encontrada anos atrás por um bió-

grafo, a mostra assim, dedos torcidos para cima, xale nos ombros, sorriso de olhos fechados. Mariucho não contou do noivado ao pai, já disse mais de uma vez que pretende se rebelar depois de formado, recusa-se a voltar “àquele fim de mundo”, como diz.

Mercy os segue de volta à pensão. “Passava das oito da noite quando se despediu de um dos jovens [o irmão] e saiu com o outro em direção ao cine Monte Campero. Jantei em um restaurante chinês e vi quando deixaram o cinema. Voltaram para casa, ela tomava a iniciativa da caminhada”, escreve Mercy em seu relatório. Considera a jornada um sucesso; tudo parece tranquilo, pode seguir com as operações. Volta ao hotel.

Um dia mais tarde, decide telefonar de um aparelho público nos fundos de uma botica, numa praça afastada do hotel. “Estou procurando uma professora de alemão”, diz ele. “Como?”, responde a mulher que atendeu a ligação. Mercy repete: “professora, de alemão”. Estática; ao fundo, pode ouvir que a mulher se afastou do fone e grita, chama alguém de nome Laura, grita de novo, pede que desça rapidamente, um “estrangeiro” quer falar, não sabe quem é, não disse como se chama nem cumprimentou. Mercy não comenta no relatório, mas está provavelmente nervoso e, enquanto espera na linha, se arrepende de não ter treinado com afinco o sotaque local. Queria passar-se por morador mas agora é anunciado como estrangeiro, espera não ter cometido outro descuido. Na linha, uma voz mais jovem pergunta quem fala.

— A senhora é professora de alemão? — tenta novamente o sotaque, que desta vez lhe soa muito musical.

— Sim.

— A *señorita* dá aulas de alemão para negócios?

A voz hesita e vem pausada. Diz que não, alemão para negócios é assunto que não aborda em suas lições. O homem pede desculpas pelo incômodo e desliga. Sai da cabine telefônica, paga ao proprietário quanto deve, deixa a botica com a missão da

manhã cumprida: ela entendeu as senhas, utilizou as contras-senhas, em breve irão se encontrar. Porque Laura Gutiérrez Bauer, pesquisadora de folclore indígena e noiva de Mariucho, que se sustenta com aulas particulares e aluga um quarto simples de pensão, é, assim como Mercy, agente do regime cubano. Seu codinome, Tania.

É a primeira vez que Tania recebe a visita de um agente de Havana. Até então, enviava relatórios cifrados a Cuba, num radiotransmissor no fundo falso de uma maleta. Relatava a rotina de como aos poucos se infiltrava na sociedade boliviana. Chegou a La Paz em 18 de novembro de 1964, obrigada a se sustentar com uma verba mensal enviada pelo correio como se fosse dos pais, que mal dava para a moradia. Pisou num país em crise política, alguns dias depois do golpe de Estado que derrubou o então presidente Víctor Paz Estenssoro e levou ao poder o general René Barrientos, homem pequeno e enérgico. Tinha ordens de se infiltrar nas rodas mais influentes e assim o fez, meticulosamente. A primeira movimentação ocorreu numa exposição de artefatos indígenas, quando se deixou assediado por Moisés Chile Barrientos, artista plástico que se dizia primo do ditador. No mês em que passaram juntos, foi apresentada a Julia Elena Fortín, diretora do Comitê de Pesquisa Folclórica do Ministério da Educação, uma mulher de fortes traços masculinos, com quem, para ciúme de Moisés Barrientos, Tania conviveu discretamente por algumas semanas. Foi Julia Elena quem a indicou para um cargo não remunerado como arqueóloga de campo. “A pesquisa nessa área serviu como justificativa para suas viagens a diferentes partes da Bolívia, muitas vezes acompanhada pela diretora”, escreve um biógrafo. “Fez também gravações de dúzias de cantos indígenas, que permitiriam a Tania desenvolver relações com

intelectuais de destaque.” Foi uma das fundadoras da Sociedade Boliviana de Cerâmica e, nesse período, tornou-se amante do renomado pintor Juan Ortega Leyton, que a apresentou à roda cultural de La Paz como uma jovem “especialista em folclore”.

Ainda por meio de Julia Elena, conheceu Ricardo Arce, secretário da embaixada argentina, que, “encantado com uma conterrânea tão envolvida com a cultura regional”, a levou ao sítio que tinha em Santa Cruz, onde passaram uma semana “conhecendo interessantes comunidades indígenas locais”. Tania começou a frequentar suas recepções em La Paz e, num almoço à beira da piscina, teve a oportunidade de conversar com o próprio René Barrientos. Uma fotografia da época mostra os dois em animada discussão. Nesse período, a agente mudou-se para a pensão da rua Juan José Pérez, onde fez amizade com a proprietária, Alcira Dupley de Zamora. Segundo relatório enviado por Tania, Alcira a tratava “de forma maternal”, e logo a agente tornou-se amiga íntima de sua filha, que trabalhava como secretária do Escritório de Planejamento do governo boliviano. Travou amizade também com professores universitários, jornalistas, empresários, diplomatas e, entre eles, uma ex-deputada da coalizão que sustentava o regime militar. Conseguiu acesso ao Departamento de Investigações Criminais e obteve informações sobre as estruturas de repressão recém-criadas na Bolívia.

Por meio de conhecidos, conseguiu oito alunos para quem dava aulas de alemão. Flertou com o editor de um jornal fanteche de extrema-direita, que lhe arrumou um certificado falso de trabalho. Aproximou-se do corrupto advogado Alfonso Vascope Méndez, líder do Partido Democrata Cristão, que pagou do próprio bolso 5 mil pesos de propina à Polícia Federal e, em meia hora, arrumou-lhe um certificado de boa conduta. Era o último documento que precisava para o visto permanente. Obteve-o em 20 de janeiro de 1965. Casando-se com Mariucho, teria a cidadania.